

# Boletim

I SÉRIE

31  
DE  
JANEIRO  
DE  
1948

ANO I N.º 7

PREÇO 2400

DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

EDITOR:  
ARQ JERÓNIMO REIS

ADMINISTRADOR:  
ARNANDO RIBEIRO

PROPRIEDADE  
DA  
A. A. E.  
(SECÇÃO CULTURAL)

DIRECTOR  
MIGINO AUGUSTO PIRES

Redacção e Administração  
(PROVISÓRIA)  
RUA 11-483  
ESPINHO

COMPOSTO E IMPRESSO  
TIP. PROGRESSO  
— ESPINHO —

PUBLICA-SE MENSALMENTE

## PEÇO A PALAVRA...

### Cultura e Acção

Como ia dizendo, no penúltimo número de "Boletim", há necessidade duma definição ampla e justa de *Cultura*, entendendo por definição, não um simples conceito traduzido por meia dúzia de palavras, mas uma exposição de conceitos que nos permitam compreender e abranger o significado de *Cultura*.

Sim, porque *Cultura* não se define, compreende-se.

E compreende-se tendo em mente que cultura não é só uma soma de *saber* — isto é, um imenso peso morto — mas sim qualquer coisa de vivo e real.

Por isso *Cultura* implica necessariamente *Acção*, que por seu lado significa actividade social, com fins educativos e no sentido de fazer conhecer o Homem ao seu semelhante.

Com isto quero dizer que o vasto campo da *Cultura* não pode nem deve ser uma actividade humana que ignore o campo ainda mais vasto em que ela, *Cultura*, se enquadra e do qual faz parte — a *Sociedade Humana*.

Daí uma das condições a que deve obedecer quem pretenda levar a cabo uma obra cultural é conhecer essa mesma *Sociedade*: ter consciência dos processos históricos, e evolutivos por que ela tem passado.

Sendo assim, como poderá e deverá, a A. A. E., fazer uma obra que possa, sem receio, intitular de *Cultura*?

Possue ela um *Jornal*, um *Orfeão*.

Pergunto eu: porque não pensa em criar um corpo cénico?

Gente não lhe falta, casa de espectáculos existe, entusiasmo para tal julgo vêr às mãos cheias.

Unicamente poderá não haver um pouco de boa vontade, eu sei.

Mas, rapazes, lembrem-se disto: — a *Juventude* tudo vence!

\* \* \*

Até breve.

## EDITORIAL

### Os Descrentes

Sim! Porque eles não crêem em nós; nem nas nossas possibilidades; nem que venha qualquer coisa aproveitável desta gente moça; nem que as grandes empresas são impulsionadas pelo fogo criador dos novos! Eles, os outros, os sábios, os senhores assentados em suas poltronas donde descortinam (de certeza que descortinam!, olaré!) os horizontes e as vias subterrâneas, eles, com seu olhar abarcando a vastidão do conjunto e com seu olhar prescrutando a linha esfumada do futuro, eles sorriem das nossas ilusões, eles acham graça às nossas pretensões, eles deitam a vista fugitiva sobre as nossas propostas e os nossos reparos! Pobres moços! Não conhecemos nada da vida, da complexidade dos problemas..., falamos no ar... E eles mal lêem ou recusam-se a lêr as linhas que escrevemos, mal soletram ou recusam-se a soletrar o nosso desejo de acertar e a dedicação frutuosa da nossa juventude, mal entendem ou recusam-se a entender a verdade e a pertinência de certas nossas ideias! O *Boletim*...? Coisa da rapaziada! E os omniscientes senhores passam, imponentes, orgulhosos, numa suficiência confrangedora e com um desdém criminoso!

Quando quiserem, vejam onde param e aonde se encaminham. Ninguém dura eternamente, e é necessário assegurar uma continuidade, uma herança e um progresso! Em todos os campos, é preciso contar com os novos, dar-lhes ocasião a manifestarem-se, ajudá-los nos seus empreendimentos. A vida espinhense remodelar-se-á e há-de alargar e subir o nível espiritual e técnico, mas só o pode conseguir mediante a propulsão da seiva jovem, do entusiasmo, do sacrifício, do sonho, da capacidade criadora da mocidade! Convençam-se disso, ó respeitáveis e prudentes senhores! Apenas a aventura conseguirá abrir caminhos intrilhados e florescer os germens abafados pelo esquecimento e pela inacção. Falta-nos a categoria social, queremos dizer; falta-nos o posto social (mas êste adquire-se!) e escasseia-nos ainda a influência feita não sei de que silêncios e de que compromissos. Não temos, vários de nós, um curso ou um lugar entre as famílias e as gentes de opiniões sensatas (ou comodistas?); não temos o apoio do elogio mútuo, dos apadrinhamentos, das cedências. Mas possuímos, por isso mesmo, independência e espírito de justiça, coragem e entusiasmo, ideias inéditas e vontade forte, largueza de vistas e... ilusões. E o que mais queremos, do que mais nos orgulhamos, o que mais desejamos nunca perder é as ilusões! Nessa altura, também ficaríamos quedos, num sorriso desdenhoso para aqueles a quem não visitou a experiência da vida num cepticismo elegante e numa prudência estéril! Nós mante-

## Crítica Social

### Ainda "NOMES FEITOS"

A maneira presunçosa de falar dos que supõem que a idade lhes outorga o direito à incondicional aceitação das suas teorias, não nos comove nem nos amedronta. Abandone-se o sorriso superior do homem velho e experimentado e discuta-se, lealmente, as opiniões de cada um. O nosso artigo "Nomes Feitos" não agradou a muitos, que sentiram tremer o terreno que consideravam sólido e pisavam sob os seus pés. Espinho necessita de dirigentes. Eu não nego que os não tenha presentemente, mas os que possui, pela escassez do seu número, darão, se resolverem afastar-se momentânea ou definitivamente, motivo a uma crise. E' essa possível crise que devemos tentar evitar para impedir o labastardamento dos lugares administrativos.

A actual política dêste é diferente das dos primeiros anos. Se outrora cabia ao dirigente um papel político para dar ao Concelho forma e coesão, para lhe criar um ambiente histórico, hoje, o Concelho necessita, acima de tudo, que o dirigente represente um papel social realizando uma sã política administrativa, com força económica e progressiva. Os velhos atravessaram as horas febris em que se criou o concelho, em que se viveram momentos de dúvidas e de esperança, em que se lutou com forças adversas tendentes a não conceder a Espinho a independência a que tinha direito na organização administrativa da Nação.

Mas conseguida a realidade histórica do que então se pretendia, entrou-se na era das realizações. Toda a política concelhia se desviou no sentido de lhe dar uma economia progressiva, um desenvolvimento urbano, um progresso social, tendo o dirigente de ser mais um construtor duma sociedade do que dirigente da mesma.

A noção da importância do

KIM

Continua na pág 4

Continua na pág 5

VISADO PELA CENSURA

## Crítica Social

Na defesa estão as  
armas de ataque...

Ao escrever este artigo não foi minha intenção (longe disso!) travar polémica com o sr. Florentino, nem tampouco, criticar os pontos de vista em que se baseou para criticar os meus. Efectivamente, não possuo, reconheço, bagagem de conhecimentos literários que me permita tal ousadia e, sobretudo, faltam-me as faculdades de assimilação e inteligência com que a natureza tão poderosamente o dotou.

No entanto e a despeito da inferioridade intelectual, não me inibiu de vir outra vez a Alcácer Kibir, desta vez para me defender denodadamente, aquiescer quando o ordenar a justiça (e eu tenho-a), mas atacar deliberadamente com argumentos que, a meu vêr, conduzem ao campo da razão. Tudo isto é racional e a que todo o homem tem jus.

Ora, eu podia conservar-me silencioso, alheio ao que V. diz no seu rechonchudo artigo "histórico-traço" (não trágico...). Sim, ninguém mo proibia e até me segreda o instinto que assim procederia com mais sensatez do que vir a estas colunas discordar com ideias de quem, num futuro próximo, deixará firmado o nome nas letras pátrias.

Mas eu sou teimoso, sim, Florentino! Lembrei-me — ingenuidade!... — lembrei-me da façanha de Nun' Alvares, em Aljubarrota e esqueci o fracasso de D. Sebastião em Alcácer-Kibir...

Apreciações sobre a mulher...  
e as saias...

Princípio por dizer que também o conheço e muito o aprecio! Creia que o admiro!

Sei porque elogia a graça e põe em destaque as qualidades morais, caracteristicamente femininas, da mulher da "mala-posta"; porque vê na antiga o Anjo e na actual o Demónio; sei também porque só à Dama das saias compridas lhe prodigaliza o direito de servir de modelo, a Milo, simbolizando a inegalável graça e perfeição que é a mulher a sorrir com divinal sorriso e ter nos olhos o brilho dulcíssimo do amor eterno!

Na verdade tudo isto eu sei e descobri porquê. Simplesmente porque é Poeta! Não só poeta que sabe rimar (esses não são poetas, são rimadores) mas que sofre, que lhe dói a alma e carece de alívio, que lhe aperta o coração e procura o ar, poeta que, enfim, vive entranhadamente naquilo que escreve. Para melhor me expressar sirvo-me das palavras de Guerra Junqueiro: que faz versos pela mesma razão que a pereira dá peras! Aqui está porque vive o Poeta num mundo à parte que ele e o seu estado de alma criaram reciprocamente. Repele a Realidade, porquanto esta, em toda a sua nudez, é

## UM POUCO DE BOM HUMOR

por Dr. VITT HÜSSU

## EU MORRI...

Ainda agora não sei como aquilo foi. Só sei que dum momento para o outro vi-me afogado numa corrente de ar... líquido e encontrei-me na "bicha" dos que pretendiam entrar no Paraíso. Creio bem que ainda hoje lá estaria se não conseguisse uma empenhacozinha que me permitiu chegar a contacto com o S. Pedro e conseqüentemente a entrada no Reino Celeste.

S. Pedro ao saber-me redactor do "Boletim", imediatamente deixou o que estava a fazer para me acompanhar como "cicerone" e fornecer-me todas as indicações necessárias. Mas, francamente: — eu esperava vêr S. Pedro, como sempre o imaginei: Careca reluzente com risco ao meio, larga túnica e grande chave a pender da cinta. Contudo nada disto me foi dado contemplar. Apenas um S. Pedro "dandy", "gentleman" e sobretudo bom conversador, de fraque negro, laço e cartola alta. Sob esta última, divisava-se, abundante cabeleira, bem tratada, a desmentir o conceito que eu fazia da sua careca.

E as chaves?... Santo... sr. Santo... Ex.<sup>mo</sup> Sr. Santo — eu já não sabia onde me meter — que é das chaves do Reino?

S. Pedro sorria, quando me respondeu: — Já não se usam, meu caro. Agora a porta usa fecho "éclair".

Entramos. Uma estrada, seguia em frente perdendo-se por um emaranhado de núvens. Mesmo em frente, um cartaz recomendava: siga pela direita. — E a balança para pesar as almas?... — inquiri.

S. Pedro riu-se mais uma vez. — Como anda atrasado, meu amigo. Agora já não utilizamos balanças. O mortal entra naquela cabinezinha, vê?... e introduz uma moeda de 5 tostões na maquina que lá existe, carregando no botão A. Recebe então um bilhete que lhe indica o seu destino: Céu, Inferno ou Purgatório, (onde o mortal é obrigado a ingerir purgas durante todo o dia). — Como rapidez e perfeição não há melhor.

Continuamos a andar. A seguir, a estrada bifurcava-se em duas: à entrada do ramal esquerdo vi duas... duas... "girls" (100% pelas saias curtas), estilo Dorothy Lamours, em dia de calor.

No ramal da direita, vi um etéreo serafim, ventre ao léu e a tocar flauta.

— Quem são?... perguntei eu ao porteiro celeste, apontando com o olhar aquela "Lamoresca" visão, que até me fez colar a camisa ao corpo.

— Fuja, daí, ingénuo!!!... advertiu-me o Santo. Elas representam a tentação das almas justas e boas, e querem apenas desviá-las do bom caminho e leva-las para o inferno... Eh!... Aonde vai você?

— ... Para o Inferno... Agarrado por S. Pedro, continuamos, e finalmente entramos

própriamente no recinto eterno. Que mar de gente, meu Deus!...

A meu lado, dois indivíduos discutiam com largos gestos.

— Quem são, perguntei ao meu amável cicerone?

— Ford e Gil Vicente. O 1.<sup>o</sup> atesta a excelência dos seus automóveis e o 2.<sup>o</sup> faz o elogio dos seus auto... móveis. Não compreendi bem a diferença, mas não disse nada.

Mais longe, vi um grupo tremendamente bélico, só de conquistadores:

Afonso Henriques, Napoleão e Júlio César.

Discutiam, sem dúvida. Aproximei-me e escutei:

A. Henriques preconizava o uso do wm em ataques ofensivos e tática de defesa.

— Só assim, foi possível, eu vencer em S. Mamede.

Júlio César, discordava. Era antes p. w.c.. Só Napoleão, na sua atitude característica meditava.

O passeio continuava. Dum grupo muito juntinho saíam gostosas gargalhadas.

— Lá está o seu compatriota Bocage, a contar anedotas... Grande malandro aquê!...

Continuamos a visita. — E' verdade... que é feito do Adão?

— Ah... êsse não se adapta à civilização. Passa a vida a fazer campismo.

— Sózinho?... perguntei.

— Com D. Eva, mas parece que estão à espera dum sujeito ainda vivo, bastante nutrido, lá da sua terra, para então se dedicarem de corpo e alma à vida livre. Conhece-o?... — Olarila...

Continuamos a visita.

Passamos ao jardim zoológico. E quem era o guarda?... La Fontaine!

Súbitamente fomos interrompidos. Um anjinho vestido de "groom" com as asas dos Domingos, passou por nós e disse:

— Afastem-se por favor... Vem aí um novo pensionista.

— Quem será?... disse eu.

S. Pedro estendeu o pescoço e elucidou-me.

— Olha quem êle é... E' o Lumière dos filmes.

— Quem?... Lumière?... Mas êsse morreu há muitos anos.

Eu sei — respondeu S. Pedro. Precisamente como já cá está há muito tempo pediu licença para ir vêr a família e foi. De passagem teve o mau gosto de passar por Portugal e vêr o desenvolvimento do cinema, na sua terra.

— E então?... — ... Morreu outra vez... sem mesmo ver a família.

A hora era tardia. Por isso pedi a S. Pedro que me deixasse ver o Inferno.

— Impossível... Está em obras... Questão de modernização, sabe?... — ???

— Estamos a reservar um

## Crítica Social

Na defesa estão as  
armas de ataque...

amargamente bela! E porque teme, refugia-se no seu mundo. Assim está explicado porque V. não podia conceber que a Deusa dos seus sonhos poéticos fosse mulher capaz de pilotar um avião a 500 kms. á hora ou trabalhar em fábricas de armamento sob inexorável fogo de bombardeamento. (E o vestido comprido dificultar-lhe-ia todos os movimentos...). Mas não receoso que ela tivesse as pernas tortas e se reparasse demasiado no espartilho (o que se dava se porventura a idealizasse com vestido leve e curto...) que V. a pintou no quadro da sua fantasia, evitando, deste modo, a cruel decepção da realidade... Cobriu com o manto diáfano da fantasia a própria fantasia...

E' esta a razão porque, não encontrando na realidade ser que rivalize com o que idealizou (nem encontra!) injuria a mulher moderna — e não a de saias curtas — como injuriaria a de saias compridas se vivesse nesse tempo.

Vejamos agora sr. Florentino. Deixe por momentos essa ninfa inexistente, seja razoável e esfregue os olhos com força para regressar à realidade; já o fez! então compre um bilhete e vá ver a "Escola de Sereias"... e depois diga-me se não esfregou de novo os olhos com mais força ainda! Mas descanse e... arrefeça; está bem acordado. Tem na sua frente Esther Williams, o meu presente para os platónicos!!!

E' a mulher moderna na generalidade tal como Ela é (a verdadeira gazela) sem a pompa, os enfeites e os espartilhos que faziam da antiga a formosura por si tão contada. A isto se devia a elegância da mulher de outrora, mas não a saúde e a beleza da mulher de hoje que as deve a ginástica apropriada, ao vestido curto (liberdade de movimentos) e... ao passo marcial... Tão doce no amor quanto a de outros tempos (através dos séculos a mulher tem mantido o seu psíquico) é, porém, mais rija no carácter, companheira ideal para o homem de hoje, que trabalha vive num mundo em constante sobressalto e altamente tensivo. E' a agradável compartilhadora das horas felizes e a consoladora incansável nos momentos de infortúnio. Tem tanto de jovialidade como de à-vontade; sabe conversar e sabe caminhar; do caminhar muito lucra a saúde. Além disso é mais instruída que a de outros tempos. E' o antídoto que receitamos para a animalidade de que V. apregoa. Sendo assim, não será Ela boa esposa e boa mãe? Sim! e certamente menos fêmea.

Saibamos agora alguma coisa da menina do século passado. Quere? Então será melhor

## Carta de Longe

Como muita gente que se preza, para não falar na que despreza, também eu fui ver o «Fado». Se não é crime de lesa-pátria dizer-se bem dum filme português, confesso que, deste, não tenho a dizer mal. Antes, afirmo, alto e bom som, que «sim, senhor... 'stá bem assim!...» — como no estribilho da cantiga. É muito possível que nem todos perfilhem a mesma ideia, pela mesma razão porque uns gostam de bacalhau á espanhola e outros... de espanhola, sem bacalhau! Mas adiante... que gostos não se discutem!

Já agora que estou com a mão na massa e, o que é pior, na iminência de vir a perder meia dúzia de conhecimentos, que por enquanto, não vão além duma chapelada ou dum sorriso, já agora — como dizia — não me fico por aqui. E acrescento: — gostei da fita (pasmai, ó gentes!) porque gosto do fado! E, então, quando o canta a Amália Rodrigues... Meu Deus! «Como é diferente, como é diferente!...»

A Amália Rodrigues! Pois ainda não ouviram falar na maior celebridade do momento? — Por certo, já, mas naturalmente não ligam o nome à pessoa!.

Fiquem sabendo, então, que não me limitei a ver e a ouvir, só no «écran», a Vedeta número Um, capaz de relegar, para segundo plano o charuto do Senhor Churchill — fui vê-la e ouvi-la, «em carne e osso», ali, no palco do Coliseu, onde, por certo, nunca o Tito Schipa ouviu tão sinceros, ruidosos aplausos!...

Mas não foi só a galeria quem mais se entusiasmou. Nada disso! Deram palmas, também, as senhoras elegantes, que vão ás sessões da moda e aos chás de benefício; os cavalheiros, respeitáveis e circunspectos, muito ciosos de sua honrabilidade; os Filhos-Família, brasonados ou não; os meninos-Bem, que tocam piano muito mal; enfim, plateia e tribuna, camarotes e frias... tudo ouviu o fado, tudo aplaudiu a Amália!

Sim, meus Amigos: em pleno inverno, fêz-se, á porta do Coliseu, a primeira romaria do ano! Prometeram-se fortunas por um bilhete de cinco escudos — e não consta alguém ter aproveitado o ensejo de ficar rico!

Se de facto, eu e todos os mais, cometemos um crime sem perdão,

«Santa Maria das Dores,  
Mãe de Deus, se fôr pecado  
Tocar e cantar o fado,  
Rogai por nós pecadores.»

A «Ceia dos Cardiais» — Corôa de glória de Júlio Dantas e preciosidade do teatro português — voltou a entusiasmar Lisboa. Passaram muitos anos sobre a sua estreia. Mutaram os tempos, as ideias, os factos — ia a dizer: os homens! Perdeu-se talvez, o gosto, o culto da Arte. Mas — como é consolador verificá-lo! — repercutiam-se, hoje, na sala do Avenida, as aclamações d'ontem, quando, no saudosos D. Amélia, pontificavam as Rosas e o Brazão!

Três grandes Actores da nossa época — Alves da Cunha, Assis Pacheco, e Villar — interpretam, agora, os três Cardeais da «Ceia». Deve ser admirável ver representar assim!

## Talvez seja verdade que...

**QUE** alguns dos novos directores do Sporting de Espinho eleitos na última Ass. Geral já levavam o seu destino marcado...

**QUE** alguns outros se sentem muito honrados pela escolha dos seus nomes, mas que esse facto os não deslumbra visto não os valorizar mais que anteriormente...

**QUE** pairam altas núvens sobre os Corpos Gerentes do Sp. C. Espinho, eleitos na penúltima Ass. Geral.

**QUE** teve emoção a despedida de Joaquim Moreira do Costa Jor, mas que não se justifica o elogio e fotografia na «Defesa de Espinho»...

**QUE** Joaquim Moreira da Costa ainda está para «lavar e durar» e que não era oportuno o elogio quasi fúnebre, do articulista em questão...

**QUE** o grupo de hoquei em campo da Ass. Académica de Espinho pode ser chamado com toda a propriedade o grupo dos «empatas», pois em 10 jogos disputados, empataram nada menos de 7!!!...

## Crítica Social

Na defesa estão  
as armas ataque...

mais relativo a este caso ver um capítulo da «Campanha alegre» do que ler a «História do traje».

Nesse capítulo Eça de Queiroz mostra-nos claramente o que foi a mulher desse tempo, a sua ocupação, a sua instrução e o que sabiam da vida antes de ingressar no convento... e depois de lá sair. Leia, sr. Florentino, e benzer-se-á com a direita antes de rezar dois padre nossos!...

A propósito de saias: estou deseioso que chegue o Verão, Florentino. As manhãs, são lindas, há muito sol, muita luz! O mar está manso e da côr do céu! A areia escalda-nos os pés... — como vê o cenário é convidativo. Iremos então, só os dois, dar um giro pela praia para apreciarmos uns certos fatos de banho...

D. Sebastião

## Programa comemorativo do X Aniversario da Académica de Espinho

Durante o próximo mês de Fevereiro e seguintes, realizar-se-ão os seguintes passos do programa:

## X Aniversário

I — Disputa dos «Jogos Florais

**QUE** o H. Pires é apenas: Presidente da Ass. Académica de Espinho; Presidente da Ass. de Voleibol do Porto; Director do Boletim da A. A. E.; Secretário geral, eleito do Sporting C. Espinho e está indicado para os Corpos Gerentes da Ass. de Patinagem do Norte. Já é usar e abusar...

**QUE** o Presidente da Ass. Portuense de Hoquei é o representante da Ass. Académica de Espinho; que o Presidente da Ass. Voleibol do Porto é o representante da Ass. Académica de Espinho; que o Secretário da Ass. de Patinagem do Norte é o representante da Ass. Académica de Espinho; que o Secretário da Ass. Geral da Ass. de Basquetebol de Aveiro é o representante da Ass. Académica de Espinho, etc. ...

**QUE** esta preponderância vale bastante mais, para demonstrar quanto pesa a Académica de Espinho, que quantas e tantas palavras duvidosas de duvidosos individuos...

**QUE** os C. T. T. em Espinho, muito têm prejudicado a entrega do «Boletim» da Ass. Académica de Espinho...

da Ass. Académica de Espinho» (inter-sócios) de 1 a 29 de Fevereiro.

II — Recital de Poesia e apresentação do «Grupo Coral da A. A. E.» no Salão Nobre do S. C. de Espinho.

III — Ciclo de Conferências por elementos de destaque nas Letras Nacionais.

IV — Espectáculo pelo «Teatro dos Estudantes de Coimbra» a realizar no Teatro de S. Pedro em data a designar.

V — Desafio oficial do Campeonato do Porto em Oquei em Campo, com o Ramaldense F. C., ex-campeão do Porto, em disputa da Taça «Claudio Mourão»

VI — Organização de Oquei em Patins em disputa da Taça «Amparo Santiago».

VII — Encontro de Voleibol, em data a designar, entre o grupo de «S. Roque da Lameira» — vencedor da Taça «Higino Pires», e a A. A. E., em que se disputará a Taça «Manuel Rosado».

VIII — Jogo de Basquetebol em disputa dum objecto artístico.

IX — Jogo oficial de Ping-Pong do Campeonato do Porto, entre a A. A. E. e o F. C. de Gaia em categorias de Hora e Reserva, em disputa da Taça «X Aniversário».

X — «Banquete de Confraternização» a realizar no Grande Hotel de Espinho, no dia 9 de Fevereiro próximo

XI — «Sessão Solene» fechando o ciclo do período comemorativo, com a presença de altas individualidades desportivas e sociais.

## Carta de Longe

Lisboa, a Lisboa que sabe distinguir o trigo do joio, está de parabens! Merecem os «Comediantes de Lisboa» — autores felizes de tão sensacional reposição — o mais sincero, mais carinhoso obrigado.

Praza a Deus que ao Porto — tantas vezes esquecido! — seja dado o ensejo de ver, e aplaudir, essa pequena — grande peça. Sim, mandem-nos o «Rei do Lixo» e todas as revistas do «Parque Mayer» — mas, por alma de quem lá teem, sirvam-nos a «Ceia»! Temos fome de bom teatro.

Eugénio de Paiva Freixo

## Eu Morri...

Continuação da pág. 2

novo tipo de tortura, especialmente destinado a certas «carracas» de uso público, que não fazem outra coisa na vida senão martirizar os outros, torturando-os lentamente.

— Como por ex..., Sr. S. Pedro?...

— Locutores, recitadores, poetas, etc.

E qual é o castigo que lhes vão passar a aplicar, inquiri, entusiasmado.

— Entram para uma sala, e aí, de portas fechadas, ouvem durante horas... e talvez até dias... seguidos, a Amália a cantar fados.

Limpei o suor, lívido, e a tremer adverti:

— Mas a Amália ainda está viva...

— Por isso é que o Inferno está em obras ainda, e além disso...

S. Pedro não concluiu porque uma voz fêz-se ouvir. Era um dos tais anjinhos «grooms» que bradava.

— Calling Saint Peter's... Calling Saint Peter's.

Quando vi o «anjinho» o meu coração deu um pulo. Bastou-me vêr o guarda-chuva, para ter logo a certeza:

— Era Sir Neville Chamberlain, o «anjinho».

— Um momento, meu amigo... desculpou-se S. Pedro.

— Por quem é, snr. S. Pedro, tenha a bondade...

Ele foi vêr quem o procurava, enquanto eu me aproximava da tal sala do Inferno. Notando que a porta estava apenas encostada, entreabri-a e meti a cabeça dentro. E vi um enorme salão, repleto de cadeiras e ao fundo um estrado com 3 cadeiras. Em duas delas — as laterais — notavam-se já duas guitarras.

A plateia estava dividida em secções: os locutores; os pregaçãoes de sermões, os poetas etc., e algumas das cadeiras tinham já o dístico «reservado».

Ao olhar para a secção dos poetas, lembrei-me não sei porquê, do meu amigo Florentino...

...E senti-me mais aliviado...

FIM

Lêde, assinaí e propagaí

BOLETIM



## A' roda da fogueira...

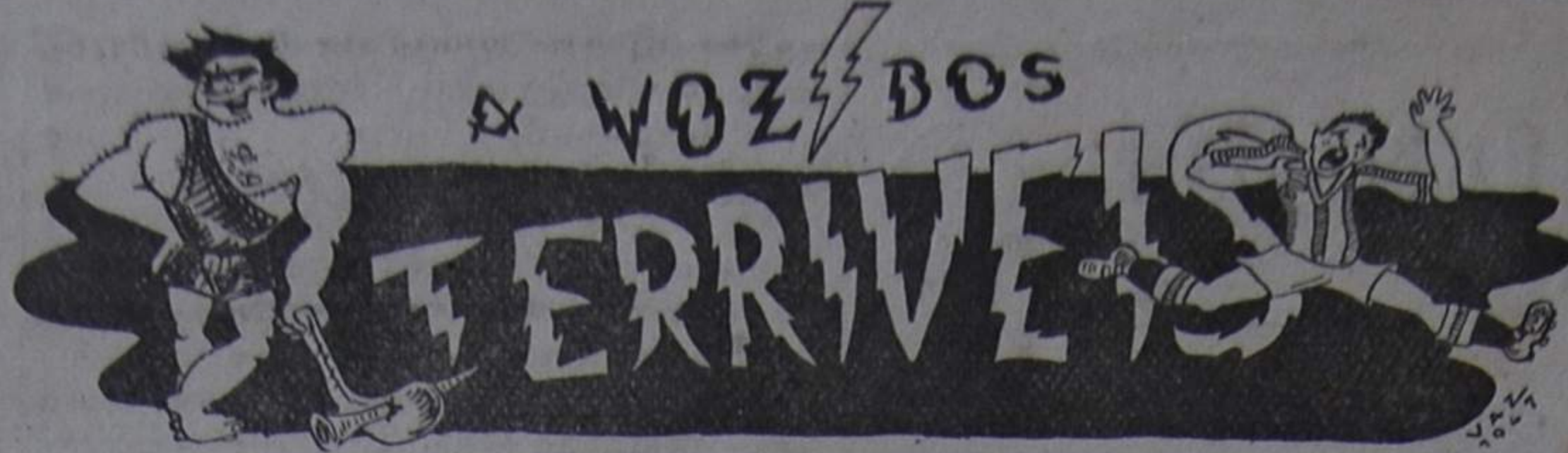
Quando, depois dum dia cheio de emoções, de vida, chega a noite com as sombras amigas, sentimo-nos — corpos cansados de luz e alegria, tomados por doce quietude que tudo aconchega e dulcifica. Então, esquecendo as tendas, o descanso, temos desejos de ficar acordados, escudando a fala mansa e conselheira da noite, conversando com as estrelas. Pacificados, almas tocadas pelo mesmo encantamento, olhamo-nos como irmãos e, à roda duma fogueira que aquece os corações, lembramos o passado, vivemos o presente e desejamos o futuro. E assim, falamos de histórias, de pedaços de vidas, do mundo, de nós, e entoamos cantares da nossa terra. E assim, à volta dum fogo débil e crepitante, de claridade irrequieta que rasga o escuro com manchas fantasmagóricas, se vivem noites inesquecíveis. Noites de sonho, não só para o romântico e sonhador, mas também para aquele cujo temperamento e educação obrigam à admiração da criação artística, do Belo. E, diante dos quadros maravilhosos que a Natureza oferece, iluminados por luz suave e compostos por mão de Mestre, nenhum ser humano pode ficar insensível. Até para os espíritos que procuram em tudo a faceta utilitária, existem razões que justificam a excelência das noites passadas ao ar livre e aquecidas por uma fogueira. Senão, repararemos. Variados assuntos, como já disse, animam a vida dessas reuniões nocturnas.

Ora, desde que aqueles sejam bem escolhidos, conforme a capacidade intelectual de cada um, podem desfilar perante os que sabem recolher da distração o útil, os mais variados e atraentes temas.

Poderão encontrar pretensão no que fica escrito, no entanto, não esqueçamos o entusiasmo da mocidade, chama dos grandes sonhos e empreendimentos, capaz de a interessar pela realidade e seus problemas. Mas não se julgue que as conversas incidem somente sobre assuntos sérios e se revestem da gravidade dos temas abordados, nem tampouco, estes já vão estudados ou sequer premeditados. De entremeio com a anedota e acompanhado pela alegria pode vir precioso ensinamento ou exemplo, através dum acontecimento ou dado biográfico.

E dêste modo, reunido o útil ao agradável, teremos satisfeitos — o positivista, aquecendo-se ao fogo, e o sonhador, olhando o céu estrelado e ideando mundos em que seria rei ou pobre de pedir.

E assim, enquanto do fogo quasi adormecido sob a manta de cinza, sobe vertical ténue fio de fumo, se vivem em mundos diferentes noites que já mais esquecerão.



## Defesas que não Defendem

A respeito das obras que haviam de ser de defesa da nossa praia já tanta tinta se gastou — não nos admirariamos nada que "Defesa de Espinho" viesse a substituir o seu nome por "Defesa da Praia" — que o que poderemos aqui dizer, pouco ou nada, acrescentará, mas, como a nossa intenção é desabafar, cá vai o desabafo.

Tem-se culpado o empreiteiro que tem dirigido nos últimos anos as malfadadas obras, dos erros que têm obstado a que a praia seja defendida.

Mandaram-no para Espinho trabalhar para os blocos. Ele veio.

Que os blocos são muito fracos, que se partem com muita facilidade, que se desfazem, que são um insulto para o nosso Mar que é muito dado a brincadeiras. Mas o nosso homem, se calhar, nunca aprendeu a fazê-los.

Que deixa as obras incompletas de um lado e que vai começar outras, que não termina — de outro.

Meus caros senhores: na primeira quem quer cai, na segunda cai quem quer, na terceira cai quem gosta.

Quem mandou para cá aquele fazedor de blocos e de obras sem finalidade, já teve muitas oportunidades de notar que o ar marítimo faz errar os calculos daquele senhor.

Tirem-no de cá e mandem um que traga boa vontade e um plano. Se o plano não puder ser o ideal, que tenha ao menos pés e cabeça e que seja cumprido à risca.

Que façam blocos, palissadas, esporões ou outra coisa qualquer;

mas defenda-se a praia até que seja possível construir qualquer coisa que não leve o mar a pensar que andamos a brincar com ele.

## "Passagem de Nível"

Não tem cancelas a garantir a prioridade de passagem a dezenas de comboios diários, que quasi tornam contínuo o movimento da serra mecânica que cortou a vila em duas.

Também não tem cancelleiros ronceiros a tornar ainda mais curto o espaço de tempo que resta dum movimento ferroviário insuficiente.

Mas tem a força da incapacidade, da insuficiência, a fazer de cada necessitado um descontente.

Não é uma casa comercial. Se o fôsse, está visto que gozaria dum exclusivo.

É um serviço público. É a estação dos Correios, Telégrafos e Telefones.

Aquela casa não basta para Espinho. Está reconhecido. Mas se todos aqueles quatro postigos justificassem a sua existência — atender o público, crêmos — o padecimento seria um pouco menor.

Quantas vezes temos visto um só funcionário atender um público que não chega a entrar. Fica numa bicha que se estende até ao passeio a aguardar pacientemente a sua vez.

Quem tem a sua vida organizada não pode riscar da agenda todos os seus problemas dum dia se tem algum serviço a fazer na Estação dos Correios.

... tem ali uma "Passagem de Nível" sem o "delicioso recurso duma "passerelle"

## Banquete de Confraternização

### CONVITE

Convidam-se todos os sócios e simpatizantes da A. A. E. para o Banquete de Confraternização que se realizará pelas 20 horas do dia 9 de Fevereiro, no Grande Hotel de Espinho.

INSCRIÇÃO 45\$00

## Os descrentes

Continuação na pág. 1

mos fé nas nossas possibilidades e no futuro de Espinho, na vida local e na renovação da mentalidade portuguesa! Do nosso posto, com os meios que angariamos e com o auxilio e aplauso que todos nos derem, faremos, desinteressadamente, sacrificadamente, quixotesicamente; a nossa tarefa de cultura e de inspiração justa e idealista em quaisquer realizações e empreendimentos, — faremos sempre o máximo das nossas forças, por Espinho e por Portugal.

Florentino Goulart Nogueira



## A lei de protecção ao cinema nacional

Quando da distribuição dos prémios cinematográficos anuais do S. N. I., o sr. António Ferro fez algumas alusões à "Lei de Protecção do Cinema Nacional".

Entre outras coisas, o sr. António Ferro afirmou que a produção cinematográfica portuguesa era pobríssima e de nível artístico bastante baixo — uma verdade que todos conheciam, mas que muitos teimavam esconder (patriotismo? patriotice?). De facto, a existência de duas ou três películas boas (ou, pelo menos razoáveis) num cinema que já produziu dezenas de filmes (é) é pouco, mesmo muito pouco.

A "Lei de Protecção ao Cinema Nacional" tem por fim evitar que continuem alguns senhores "realizadores" a fazer filmes que envergonhariam Portugal no estrangeiro (caso de "Três dias sem Deus") e que dariam uma má (e verdadeira, infelizmente) ideia do valor do nosso cinema.

Por essa lei foi criado um fundo de auxílio às empresas produtoras que teriam de realizar apenas uma obra asseada, para que lhes fôsse assegurado esse auxílio artístico, cultural, técnico, financeiro, etc., etc..

Outro ponto focado pela "Lei de protecção" é a exportação de filmes portugueses para os seus mercados habituais: Brazil e Hespanha (se os filmes fossem, de facto, bons, poderia ser tentada a exploração de outros mercados). Daqui para o futuro só será permitida a saída para esses países a filmes que possam ser, sem facciosismos, considerados bons. Pena é que se não proíba aos maus filmes, não só a saída do país, como também a própria exibição nas telas nacionais...

Foi, portanto, dada agora aos portugueses do cinema uma boa oportunidade para tirarem a produção nacional do lodo em que se tem debatido.

Agarrar-se-á essa oportunidade com unhas e dentes?

A pergunta aí fica... O Futuro se encarregará de lhe dar resposta.

## Medite-se pois...

O único livro sem índice é o dicionário...

Quando amamos uma mulher achamo-nos indignos do seu amor; quando a deixamos de amar verificamos quam indigno era o seu amor...

O homem que não tem barbas é um desbarbado; o que não tem alma é... um desalmado...

Roubar um pão é ser ladrão; roubar em um pão é ser paideiro...

# PELO DESPORTO

## ENTRADA EM CAMPO

### APREENSÃO...

Por decisão camarária foram transferidos para o campo de jogos da Avenida, os "Cortes" de Ténis sitos no local da futura estação dos Caminhos de Ferro da C. P..

Esta modalidade desportiva tomava em Espinho um incremento muito apreciável. E a exemplo doutras praias e termas — onde o Ténis parece ser indispensável complemento turístico, — Espinho prometia ser futuro teatro destas competições, mercê do valor desportivo que já se antevia nos seus praticantes.

E seria fácil a escolha. O número de neo-tênistas crescia a olhos vistos...

Este incremento que pode classificar-se de extraordinário — e não havia balneários — justifica-se pela esplendida localização dos "cortes", agora em remoção.

O local era de fácil acesso para todos, passagem obrigatória para outros e agradável passeio para muitos.

Abrimos um parêntesis para, a talhe de foice... em seara alheia, deplorar o abandono a que fica votado aquele rectângulo.

Os "Cortes" de Ténis, devidamente vedados, tinham servido, inclusivamente, para embelezar um local muito comprometido com a falta de asseio daquele pedaço de terra.

Mas... feche-se o parêntesis e voltemos à matéria desta secção.

Quem escreve estas linhas parou duas vezes para vêr jogar. A terceira já lá estava... para jogar.

Com muitos aconteceu assim, disso estamos absolutamente certos.

Supomos que o campo de jogos da Avenida não comporta com quatro "cortes" de Ténis — de resto naquele local não serão necessários tantos — e, estamos certos de que ali não surgirá um praticante dum espectador. Osuros são altos e não crêmos que se dê àquele pedaço da Avenida uma preferência para passeio.

A circunstância de haver balneários mais acessíveis e orientação do Sporting Club de Espinho não compensa.

Oxalá nos enganemos e que a sábia orientação do Sporting compense largamente os inconvenientes que apontamos, mas receamos bem que a modalidade sofra um revés em Espinho.

E. S. B.

## Ping-Pong

### Campeonato do Porto

Depois de dois anos de inactividade nesta modalidade, inscreveu-se a Académica no campeonato da 2.ª divisão.

Serão muitas as dificuldades para se conseguir dentro da modalidade a posição a que já nos poderíamos ter guindado se não fora o abandono a que votamos a sua prática. Para a atingir temos já o valor dos praticantes; o esforço e vontade de todos fará o resto. Isso esperamos.

Disputou já a nossa 1.ª categoria 3 encontros, vencendo 2 e saindo derrotada doutro.

Académica . . . 5 — Sporting da Cruz . . . 4  
Ferro e Aço . . . 5 — Académica . . . . . 4  
Académica . . . 5 — F. C. de Gaia . . . . . 3

Foram utilizados 5 jogadores: Mário Valente, Carlos Gayoso, Dr. Virgínio Pereira, Anibal Lacerda e Silvio Ferreira da Silva.

Embora menos acentuadamente em Mário Valente e em Carlos Gayoso, todos os jogadores têm acusado muito destreino. Deles e dos jogos que até lá se efectuarem trataremos no próximo número.

### Classificação Geral

	V	D	Pontos
Académica . . . . .	2	1	5
F. C. de Gaia . . . . .	2	1	5
Ferro e Aço . . . . .	2	1	5
Sporting da Cruz . . . . .	0	3	3

## Basquetebol

Logo que se abriu a inscrição para a prática de tão salutar modalidade desportiva como é o basquetebol, verificou-se pelo elevado número de inscrições que o basquetebol poderá vir a ser uma realidade em Espinho.

Com efeito, feito o balanço ao mapa das inscrições conclui-se que o seu maior número residia especialmente nos indivíduos cujas idades oscilavam entre os 15 e os 18 anos. Todavia as inscrições não estacionaram, pelo contrário continuam a aumentar,

havendo até casos de indivíduos com idade inferior àquela, o que nos lembrou a criação de uma escola de Infantis.

Para a elaboração das categorias de seniores inscreveram-se os mesmos das épocas transactas.

Para início da preparação atlética dos grupos, foi previsto um plano de trabalho, de carácter prático e teórico, afim de ser assegurada uma representação condigna nas provas oficiais que se aproximam.

Circunstâncias estranhas à nossa vontade não permitiram pôr em prática, na íntegra o plano previamente estabelecido.

No entanto, após dois meses de preparação, resolvemos pôr à prova a capacidade de adaptação dos nossos atletas — inclusivé a categoria de Juniores — aos planos de treinos em provas de carácter de competição, das quais passamos a falar:

### DIA 1 DE JANEIRO FINDO

Categoria de Júniores.

#### Futebol Club de Gaia 19

##### Ass. Académica Espinho 7

Jogo efectuado em Espinho. Neste encontro — o da apresentação do grupo de juniores não foi a A. A. E. feliz, no que influíram em parte a má arbitragem — a cargo de um elemento gaiense que primou pela parcialidade — e o sistema nervoso dos jovens atletas locais desabituaados a exhibições públicas facto pelo qual se ressentiu.

Porém a sua actuação deixou em todos a mais agradável impressão, aliada à esperança de que num futuro próximo se poderá contar com a gente miuda.

Ao intervalo o resultado era de 8-4 a favor da equipe visitante.

A Académica apresentou a seguinte formação: Carlos Alberto Bragança Moutinho, João Mário Calheiros Lobo, Alberto Mário Horta de Oliveira, Narciso de Oliveira, Fernando N. N. Fernando Borges, Ernesto Pereira de Oliveira e Alberto Jesus.

Foram marcadores: N. N. (5) e Alberto Mário (2).

De cada um de per sí desejavamos falar, mas como tecer elogios é traçar o caminho da vaidade achamos por bem nada dizer.

### DIA 4 DE JANEIRO

Jogo efectuado em Gaia, no Campo de João de Deus perante razoável assistência.

#### Futebol Club de Gaia 4

##### Ass. Académica Espinho 7

Nesta segunda apresentação — primeira extra muros — alcançou o grupo a sua primeira vitória que se traduziu num resultado escasso dado o estado lamacento em que se encontrava o terreno motivado pela chuva que em catadupas caíra momentos antes do encontro.

A vitória foi merecida por quanto desta vez a equipa Espinhense foi superior à adversária quer atacando quer defendendo.

Todos os jogadores cumpriram.

## Hoquei em Campo

Académica 0 — Vilanovense 0

Em tarde pouco afortunada os dianteiros não conseguiram trazer a superioridade da A. A. E.

Todos os jogadores jogaram abaixo das suas possibilidades, principalmente a linha avançada.

De notar o reaparecimento de Eduardo Reis um pouco destreinado.

Leixões 3 — Académica 0

Grande exiçção das duas equipas. Apesar do resultado ser amplo o jogo foi igualado com jogadas cheias de emoção e técnica.

A linha dianteira do Leixões sendo mais feliz traduz o resultado pesado.

Destacaram-se na A. A. E. os seguintes jogadores: Costa, Vita, Vitó, Anibal e seguidos pelos outros.

De notar a subida do reservista Vitó ao primeiro grupo.

Académico 3 — Académica 0 (Reservas)

A Académica com 9 jogadores não pôde fazer mais do que dedicar-se a uma defesa cerrada, com algumas investidas.

Destacaram-se: Silva, Hernani e Casal.

Vilanovense 0 — Académica 0 (Reservas)

Resultado aceitável. Destacaram-se Ribeiro em grande plano Vitó e Silva.

Académica 1 — L'air Liquide 1

Jogo interrompido, em virtude do jogador Monteiro do L'Air Liquide agredir com o stick Costa quando este marcava o goal do empate.

Alem destes, realizaram-se mais os encontros a seguir designados com os resultados seguintes:

Porto 1 — Académica 1 (Reservas)

Ramaldense 2 — Académica 1

L'air Ciquide 2 — Académica 0 (reservas)

Académica 2 — Gaia 0

Boavista 6 — Académica 1 (reservas)

Boavista 0 — Académica 0

Académica 1 — Porto 1

Leixões 4 — Académica 0 (reservas)

### Nomes feitos

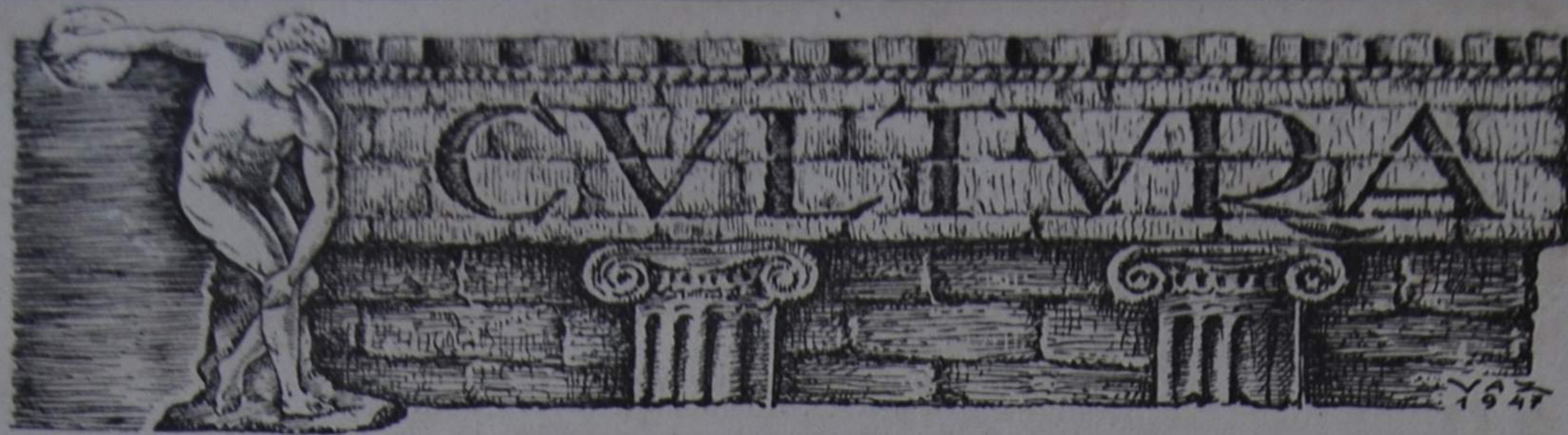
Continuação da pág. 1

administrativo sobre o político, da realização sobre a projecção, contribuiu para que a maior parte dos novos, se divorciasse da vida política do concelho, e se afastasse das via que conduzem aos altos cargos da política espinhense.

Isto é sem dúvida lamentável. Porque, se mais tarde ou mais cedo é possível surgirem novamente, problemas de índole puramente política é possível também que no vejamos obrigados a entregar os destinos do Concelho a incompetentes ou desonestos que abandalem os postos que ocupam e destruam a obra que outros pretendem construir.

E cada passo que se deixou de avançar é um passo que se recua...

Pepe



Direcção de: Florantino Goulart Nogueira

## HISTÓRIA

II (1)

### O que se deve aprender em História

Podemos considerar duas categorias de História: — a objectiva, dos factos, erudita ou História pura; e a interpretativa ou Filosofia da História. A segunda parte da primeira; o mesmo é dizer que a primeira constitue a matéria ou as premissas da segunda. A segunda, pois, só tem valor com a primeira (embora possa estar errada, até com a verdade da primeira). Parece, portanto, que sempre se devia principiar pela História erudita. Mas, na prática, não é assim. Efectivamente, nós começamos por desconhecer, depois passamos a conhecer imperfeitamente e, por fim, conheceremos perfeitamente. Isto verifica-se em tudo. Também se verifica que partimos do mais fácil para o mais difícil. Portanto, a aprendizagem da História (tal como o conhecimento veio de sincrético a analítico e de analítico a sintético) segue este caminho: 1.º — síntese, panorama geral, um pouco de Filosofia (interpretação, subjectivismo) ligando os factos históricos (erudição, objectivismo) 2.º — análise de cada facto numa dissecação cada vez mais profunda e mais esmiuçada; 3.º — nova interpretação sobre factos avaliados. A 1.ª tarefa é a do estudante; a 2.ª e a 3.ª são as do estudioso e do professor. Começamos, portanto, por aprender as sínteses e resumos que os mestres confeccionam para nós; depois, iremos investigar a pureza das fontes, a excelência do material, a segurança das vigas, a verticalidade do processo; e, finalmente, construiremos novo edifício ou aperfeiçoaremos o anterior, acrescentando, cortando, fazendo talhes, remoções, unindo. Donde concluimos o seguinte: temos de começar pela História síntese e resumo. Por isso, não nos cingimos a meia dúzia de factos, o que não seria síntese; não encarreiramos pela investigação das fontes, nem tomamos uma caterva de factos menores, o que não seria resumo; apreendemos um panorama total, quer dizer, do todo, mas onde os objectos menores se apagam á nossa vista. Reportemo-nos ao caso da História Universal. É necessário ter uma visão ou conhecimento da História em todo o mundo e em todos os tempos. Evidentemente que certos países e certas épocas contribuíram mais fortemente do que outros, para o desenrolar da Civilização, dos acontecimentos, da Cultura,

para a situação do mundo de hoje. Mas se êsses devem ser estudados em função da sua importância, não significa que os outros não devam ser mencionados de acôrdo com o seu grau. Ao menos, o seguinte: em "tal" país, em "tal" época, as coisas iam na mesma, desde "tal" acontecimento; ou: nada houve "ali" de notável, senão "isto" e "aquilo". Enfim, procuraremos saber a vida da Humanidade e só o conseguiremos, sabendo a vida dos quadros em que ela se distribuiu: isto é, a vida dos governos, das nações, dos estados, das instituições públicas e de certas instituições privadas. Qual o modo de conseguir êste objectivo?

Começemos pela História Universal.

Muitos compêndios desta disciplina, tratam-na de tal forma que uma pessoa, ao fim de os ler, sabe, unicamente, meia dúzia de acontecimentos despegados ou confusamente, retorcidamente ligados, e não possui ideia absolutamente nenhuma do que foi a evolução da Humanidade ou a evolução de cada país. Como nós, muitas das vezes, nos temos de contentar com o que aparece, tentaremos remediar, por nós próprios, à custa do nosso esforço e do nosso desejo de aprender, as deficiências que os compêndios apresentam. Para isso, e para

principiar, munimo-nos de um Atlas Universal (o de João Soares, por exemplo), de um compêndio da disciplina, de papel vegetal, de vários lápis de cores diferentes, de papel de rascunho em folhas soltas, de papel de 35 linhas ou de desenho dobrado ao meio e ao comprido (linguados), e de folhas soltas de papel. O papel vegetal e os lápis de cor são para desenhar mapas históricos; o papel de rascunho é para apontamentos e notas provisórios; os linguados são para listas; as folhas soltas são para apontamentos. Estes últimos, como as listas, ir-se-ão completando, conforme nós formos alargando e aprofundando os nossos estudos. Também, quanto possível, adquiriremos alguns volumes com a história de cada nação ou estado (actual ou desaparecido) e um ou outro volume sobre êstes ou aqueles instituições ou acontecimentos. Quem viver em terra onde exista Biblioteca Pública, recorrerá a livros que ela contenha. Enfim, cada qual fará melhor ou pior o seu estudo, conforme os elementos de que possa dispor. Nós procuraremos, na página de Cultura do Boletim e na Separata Cultural, ajudar êsse estudo, indicar caminhos, guiar investigações, nomear alguns livros. Em próximo artigo (o 3.º desta série) diremos *Como se deve estudar História*.

(1) O 1.º artigo desta série foi: "Do Conceito da História", por Alfredo Pimenta.

Florentino Goulart Nogueira

## POESIA

### Cordeal

Hei-de noivar na laranjeira em flôr!  
Hei-de gritar ao sol os meus inventos!  
Os momentos fugazes farei lentos,  
Roubando ao tempo o lápis contador!

Não mais escreverá contra o Amor...  
Hei-de gozar inéditos momentos!  
Hei-de vencer destinos agoirentos!  
Hei-de viver feliz, seja onde fôr!

Hei-de amassar a terra, o mar e o céu,  
Em pão para o ideal que me nasceu!  
Hei-de criar mil crenças de criança...

Sonho, talvez,, O' meu sonhar eterno!  
Mas há calor no mais fechado Inverno!  
E a terra é fé e desabrocha espra'ança!

JOSÉ ROIZ

## Cervantes e sua obra

Se alguém soube consubstanciar e reflectir em duas personalidades diferentes (sendo uma satélite da outra) o pensamento eivado de megalomania que sacode certos indivíduos e os arrasta aos mais tresloucados acontecimentos; se alguém possuiu a prodigiosa faculdade de personificar num indivíduo o complexo idealístico que num instante histórico domina com prepotência o espírito dos povos; se alguém simbolizou, com inegalável ciência, apenas numa figura grotesca, as instintivas, cegas, inferiores exaltações das massas servís e a iluminação mística dos povos; se alguém interpretou bem êstes fenómenos psicológicos que, em ciclos da história dos homens, deixam sulcos indeléveis na ampla estrutura das civilizações e sociedades humanas, e se os transcreveu em páginas de tamanha fragrância — foi, sem dúvida, Miguel de Cervantes Saavedra. No seu livro "D. Quixote de la Mancha", revela-nos Cervantes, a história quotidiana e a história extraordinária das multidões convulsas, das misticas utopias, da aspiração de impérios inexistentes, da vaidade nimbada pelo sonho e do egoísmo amassado com abnegação; daquilo que há de mais impulsivo na alma humana e que, de gerações em gerações, se desperta para sublevar o curso ordenado da existência, a paz das almas, a rotina dos homens. Embora Cervantes observasse estas grandezas e misérias espirituais e físicas por um prisma de ironia ou melhor, de franco humorismo, isso não impede que tenha sido esta a verdade que evidenciou ou a realidade que escreveu: razão pela qual a sua obra, escrita há quatro séculos, mantém a mesma actualidade e o mesmo fulgor como se fôsse dada a lume na época de hoje.

Cervantes, além de abalizado psicólogo das massas humanas foi ainda o biógrafo íntegro da sua própria alma: olhou para dentro de si mesmo, prescrutou os domínios do seu subconsciente, e reconheceu nas suas fraquezas físicas e psíquicas, fraquezas e fatalidades análogas ás fraquezas e fatalidades sociais do seu tempo e de todos os tempos. Encontrou, portanto, em si, como propriedade, os materiais com que construiu o edifício da sua obra. Assim se explica porque, na passagem do quarto centenário de Miguel Cervantes, esta gloriosa personalidade se conserva impávida, inalterável e imprecívvel, como que desafiando o gelo do olvido.

Alvaro Batista

## NOTICIA

O "Boletim", pelo seu carácter de jornal visando a acção vasta, não podia especializar-se no campo da Cultura. Por isso, notámos a necessidade de publicar uma Separata que viesse preencher tal lacuna, ocupando todo o seu espaço (16 páginas) às Ciências, Letras e às Artes. Colaborada pelos grandes nomes da actualidade nacional, a Separata verá a luz da imprensa em 1 de Março do corrente ano. Para ela chamamos a atenção, o bom acolhimento e o apoio dos portugueses. É ela triunfará na vida portuguesa! Por consequência, a secção de "Cultura" regressa, desde hoje e do próximo número, à sua normalidade: reduz-se a uma página e continua a tratar dos vários assuntos.

**SOLCRIS**

...é um store

**ARMAZEM DE MERCEARIAS**Cereais — Toucinho  
Gorduras — Sabões**Aires & Magalhães, L.da**

605 — RUA 22 — 609

Em frente aos novos Paços do Concelho)

Telefone 342

**ESPINHO****Agrupamento Comercial e Industrial, L.da**

FÁBRICA DE ESPELHOS

BISELAGEM

ESPELHAÇÃO

FOSCAGEM

Gravura artística  
em vidro

Telefone, 75

FÁBRICA E ESCRITÓRIO:

**OVAR**

LARGO 1.º DE DEZEMBRO

CRISTAL  
EM CHAPAVidro impresso  
em todas as cores

Telegramas: ACIL

**DUARTE & C.ª**

— Armazenistas de Mercaria —

**Rua 19 - ESPINHO**

SECÇÕES DE VENDA A PÚBLICO:

**Mercearia Porto**

Riadores, 104 - Tel. 3771

— GAIA —

**ESPINHO**

Rua Dezanove - Telef. 16

**SABOARIA ATLANTICA**

Rua 26

**ESPINHO****Cadinha & Couto**

Armazenistas de Mercaria

Azeite, Cereais, etc.

RUA DEZOITO

Telefone, 52

**ESPINHO**

ANTES E DEPOIS DO CINEMA VÁ AO

**SOL D'OIRO**

(PEGADO AO TEATRO S. PEDRO)

**RUA OITO**

(Caves da Séde do Sporting Espinho)

Cervejaria, Café, Bar com  
secção de Pódega Regional

ARMAZEM DE MERCEARIAS FINAS

— CHÁS E CAFÉS —

GRANDE DEPÓSITO DE CONSERVAS

TELEFONE N.º 37

APARTADO 37

**União Comercial de Espinho, L.ª**

ARMAZENISTAS

FÁBRICAS DE:

TORREFAÇÃO E MOAGEM

LICORES E XAROPES

— UNIÃO —

Rua 19 — 409 a 421

**ESPINHO****PADARIA PROGRESSO**

DE

**Manuel Maria Valente****DISTRIBUIÇÃO AOS DOMICÍLIOS**Fabrico esmerado de todas  
— as qualidades de pão —

Telefone 6 - (PARAMOS)

**SILVALDE****PADARIA MECANICA****A PÉROLA DE ESPINHO**

— DE FARIA &amp; IRMÃO —

Especialidade em pão sem fermento artificial, Pão francês de luxo,  
bijou, etc. Fabrico esmerado e higiénico pelos mais modernos  
mecanismos. A higiene é a divisa da Padaria «PÉROLA»

ENTRADA LIVRE

RUA 16 — 231 — Telefone 84

**ESPINHO****FARINHAS, CEREAIS E MERCEARIAS**

— VENDAS POR JUNTO —

**Baptista & Oliveiras**

Unicos representantes em Espinho de

Fábrica de Massas Alimenticias «Mila-

neza» SABOARIA DO BOLHÃO, L.da

Fábrica Portuguesa de Fermentos Ho-

landeses, L.da

ADUBOS «S. A. P. E. C.»

Telef. 21  
Telegramas: FARINHA  
APARTADO. 5

Rua 62-ESPINHO

**PADARIA PRIMOROSA**

de - AFONSO FERREIRA GAIO

Pão de trigo e de milho — Especia-

lidade em fabrico de pão de milho

— ESMERO E ASSEIO —

Rua 14, 833

**ESPINHO****DIAS & IRMÃO, L.DA**

Armazenistas — Mercaria fina

Unicos agentes oficiais do concelho  
de Espinho dos Radios PHILIPS

Rua 8 n.º 583

**ESPINHO****TIPOGRAFIA PROGRESSO**Execução de trabalhos tipográficos  
em todos os géneros

RUAS 11 E 20

**ESPINHO**

SÉ BOM SÓCIO  
DA  
ASS. ACADÉMICA  
ASSINANDO O  
**Boletim**

# Boletim

SÉ BOM ASSINANTE  
DO  
**Boletim**  
ANGARIANDO  
ASSINANTES

DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

Em artigo anterior, ao tratar dos propósitos da Secção Cultural da A. A., focamos o projecto da organização duma biblioteca que viesse proporcionar a toda a gente facilidades de leitura não existentes agora. O interesse do projecto é manifesto e foi então devidamente apreciado. A sua conversão em realidade não deve apresentar dificuldades irremovíveis e representará um serviço de elevado valor prestado a Espinho pela A. A..

Porém, a ideia da "Biblioteca" anda associada no espírito de tantos à imagem de vasto compartimento repleto de livros, mas mergulhado em silêncio e penumbra, onde só alguns velhos caturras "perdem tempo" na consulta de antigos alfarrábios, que a esta imagem de "biblioteca morta" quizesmos opor imediatamente a ideia duma "biblioteca viva" cuja vida não dependesse em rigor da sua riqueza em exemplares mas sobretudo resultasse da sua real utilidade.

Para conseguir-se este objectivo, julgamos que a primeira condição será poder levar a biblioteca a casa do leitor em vez de obrigar este a ter de permanecer nela, sujeito a horários quasi sempre incompatíveis com as exigências da vida actual.

A maneira de resolver este problema é sugerida imediatamente pela existência de "Clubes de Livros" mais ou menos espalhados por todo o mundo e em especial na América, os quais realizam sem dúvida uma tarefa de grande interesse cultural.

Não conhecemos em pormenor a organização interna de qualquer desses Clubes, mas a sua própria denominação sugere ideias para um plano a aproveitar na criação da nossa biblioteca.

## UMA INICIATIVA QUE SE IMPÕE

### A BIBLIOTECA DA A. A. E.

Eis o esboço desse plano:

— Cada sócio da A. A. poderá ser "accionista" da biblioteca se para a mesma contribuir com um certo número mínimo de exemplares, os quais serão recebidos e catalogados por uma Comissão criada para esse efeito. O termo "accionista" é empregado para evitar a repetição da designação de sócio que o interessado já possui dentro da Associação.

— A Comissão terá o encargo de apreciar e decidir do valor das obras apresentadas e promoverá ou não a sua aceitação.

— Julgamos que muitas dezenas de pessoas estarão nas condições de se tornarem accionistas. Quem há que não possua por exemplo seis livros que já tenha lido e relido e dos quais possa portanto desfazer-se sem grande pena?

Aliás a contribuição pedida não será onerosa, pois como adiante se verá, constituirá um capital capaz de render ao accionista um elevado juro.

A mesma Comissão procurará pelos meios ao seu alcance obter de todas as pessoas interessadas o auxílio possível quer em livros, quer em numerário convertível em livros.

— Pede-se actualmente para tantas coisas e com tanto exito, que me parece serão acolhidas

com simpatia e compreensão as solicitações para um fim de tão largo interesse.

Assim se poderão obter inicialmente uns centos de exemplares que constituirão os alicerces da biblioteca projectada. O tempo se encarregará de a avulmar depressa, ou então teremos de concluir pela existência de bem profundo desinteresse do meio pelas coisas do espírito.

Vejamos agora como assegurar o funcionamento da obra iniciada:

— Qualquer interessado poderá requisitar livros que levará consigo e reterá durante o tempo julgado necessário à sua leitura. Os máximos de exemplares e de dias serão fixados para cada caso em regulamento interno a detalhar oportunamente.

— Se o requisitante é accionista bastar-lhe-á acompanhar a requisição do pagamento de uma pequena taxa de leitura, e não precisará de fazer qualquer depósito para garantir a devolução dos livros pedidos. Deste modo se estimula a entrada de novos accionistas pois que cada um deles, a troco dos poucos volumes que entrega à biblioteca, adquire o direito à leitura de centenas de outros que decerto nunca lhe iriam parar às mãos quer por compra quer por empréstimo.

— Se o requisitante não é

accionista poderá pedir ainda livros que deseje, mas neste caso fará um depósito que garanta a devolução dos volumes requisitados e cubra os prejuízos causados pela sua deterioração.

Esse depósito consistirá em quantia variável com o valor dos livros que solicite, ou ainda em outros livros de valor reputado suficiente e que ficarão à guarda do bibliotecário enquanto o leitor continue a levar consigo novos volumes a coberto do depósito feito.

Julgamos que esta facilidade de depósito em livros, que não é original, será de importância primordial para os fins em vista.

— O leitor pagará ainda a taxa de leitura, variável conforme se trate ou não dum sócio da A. A., mas em qualquer caso ela será suficientemente módica para que se não torne um impedimento ao desejo de ler.

A propósito, deve observar-se que actualmente o preço dum jornal varia entre oitenta centavos e dois escudos e muitas vezes o total da leitura que fornece é bem insignificante. Por outro lado deve ter-se em vista que a criação da biblioteca não é um empreendimento comercial com fins lucrativos e que as taxas cobradas se destinarão à conservação e ampliação daquilo que se fôr conseguindo.

Eis o esboço de uma das tarefas que se propõe realizar a Secção Cultural da A. A. E.. A conversão em realidade deste projecto é, como já dissemos, de apreciável interesse cultural e dependerá exclusivamente do apoio que todos os sócios da Associação lhe queiram dar, com a certeza de que tudo o que fizerem reverterá em benefício próprio e da comunidade.

Dr António Nunes das Neves

FOLHETIM MENSAL

Por: José Corte-Real (PEPE)

QUE ISTO DE SER-SE...

MULHER...

Não é tão fácil como julgam. Não basta ter o sexo e proclamá-lo. É preciso dignificá-lo. Que isto de ser-se feminina não se consegue apenas lambuzando a cara e pondo as saias por cima dos joelhos. É algo mais complexo. Que isto de ser-se Mulher exige Educação porque sem esta lá se vai a finalidade social. Que a mulher nasceu para o Lar como o homem nasceu para a Rua. E não me venham com teorias novas que de teorias já estou eu farto! Cabe às mães prepararem as filhas

para serem mulheres. Que isto de ser dona de casa é uma arte e uma ciência. É preciso saber economia a potes, higiene aos quilómetros e puericultura a fundo. A psicologia dos homens é complexa. Estude-se pois a psicologia do macho. Que isto de ser-se e saber-se ser Homem é problema complicado que mais tarde focaremos.

É preciso que as mães inculquem nas filhas o respeito por si próprias. Ser-se um mamarracho policrômico e impúdico não tem graça nenhuma. Para ser-se bela basta ser-se nova. Não é necessário ser drogaria ambulante. Eu gosto de uma rapariga pintada mas que se saiba pintar. É isto de se apresentar como quem tem 40 graus de febre nem é bonito nem estético. Como não deixa de ser triste andar a "flirtar" com meio mundo. Isso de "flirt" é moda que parece ter pegado. O pior são as consequências. Ao fim do terceiro "flirt" começareis a notar que vos surgem novos "flirts" e nenhum namôro.

É que os vossos "flirts" dão sempre que falar. Diz-se o que se viu e não se viu. E os que foram vossos pretendentes são os vossos piores detractores. Que isto de ser mulher é bem difícil. Tão difícil que as outras que não são capazes de o ser vos chamam de "bota de elástico e de sônsa". Mas quando passais, atrás de vós fica a irveja; quando elas passam fica a má-lingua.

Que isto de copiar os figurinos americanos seja prático mas não bonito. Porque nem tudo que vos traz o Cinema é a América. Andar com rapazes sôzinhos pode ser camaradagem mas o cordeiro foi-o um dia do 1850 e este comeu-o.

Que o ser-se moderna não significa desleixo no pudor. Significa um certo despojamento de ideias maior liberdade nos vossos movimentos, acesso a despojos e profissões. Mas ser-se moderna não é fumar, "dringar", "wiskear", falar calão, andar com a saia acima do joelho, etc. Isso é ser-se tudo menos mulher. Porque para ser-se mulher basta aprender a ser esposa e mãe. E para isso é necessário compreender que não basta ser casada e ter filhos.

Que isto de ser mulher é Arte e Ciência.